



## **EM BUSCA DE UM CANTO LITÚRGICO ENRAIZADO NA VIDA E NA CULTURA DO POVO E NA TRADIÇÃO DA IGREJA\***

*Reginaldo Veloso\*\**

### **1 PRA COMEÇO DE CONVERSA, BUSCAR AUXÍLIO NA ETNO-MÚSICA RELIGIOSA**

Como cantar, hoje, aqui no Nordeste do Brasil, no Ofício da Manhã do Domingo da Páscoa, o Cântico de Zacarias?... Como cantar entre nós a alegria da Ressurreição, com o Cântico que o pai de João Batista profeticamente cantou, quando nasceu o precursor do Messias?...

Mas, primeiro, como cantar a mais bela e sublime de todas as antífonas, aquela mesma que precedia, na manhã da Páscoa, o Benedictus, e o coroava?...

**Ant.**  
**ET VALDE MANE UNA SABBATORUM,**  
**VENIUNT AD MONUMENTUM,**  
**ORTO JAM SOLE. ALLELUIA!**

#### **Cântico Evangélico: Benedictus**

Benedictus Dominus Deus Israel,  
quia visitavit et fecit redemptionem plebis suae.  
Et erexit cornu salutis nobis,

---

\* Aula Pública ministrada no dia 31 de outubro de 2019, no Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião, da Universidade Católica de Pernambuco (UNICAP), como atividade da disciplina **Sociologia da Cultura: Religião, Arte e Ideologia**, ministrada pelo Prof. Dr. José Afonso Chaves que, naquele dia, discutia a dimensão estético-ideológica da música ritual. Na ocasião, comemorou-se os 50 anos da obra litúrgica de Reginaldo Veloso. Essa Aula Pública teve a parceria do Instituto de Liturgia da UNICAP e do Observatório Transdisciplinar das Religiões do Recife.

\*\* Reginaldo Veloso é presbítero leigo das CEBs, membro do corpo de Assistentes do Movimento de Trabalhadores Cristãos NE II e consultor do Movimento de Adolescentes e Crianças. Mestre em Teologia e História da Igreja.



in domo David pueri sui.  
(... ...)  
Gloria Patri et Filio et Spiritui Sancto,  
sicut erat in principio, et nunc, et semper, et in saecula saeculorum. Amen.

Um dia, lá pelos anos 70, eu estava no Umary, um distrito de Bom Jardim/PE, que fica a uns nove quilômetros de Surubim/PE. Desde 1973 que eu por lá passava, a convite de uma evangelizadora do povo, chamada Margarida Braga, quando começavam a se formar as primeiras Comunidades Eclesiais de Base, que se chamavam simplesmente “Encontro de Irmãos”. Nas conversas de todo tipo que entabulava com os devotos moradores daquele remanescente distante de quilombo (“Umary dos Crioulos”, como os mais antigos lembravam que assim se chamou), uma certa noite, conversávamos sobre as “incelenças”, cantadas nas “Sentinelas”, ou seja, os cantos cantados nos prolongados velórios populares, que começavam com a vestição do corpo do defunto e se prologavam até a saída do caixão para o cemitério. Eram refrãos de uma poesia ingênua, de imagens surpreendentes, brotadas, quem sabe, do inconsciente coletivo de um povo profundamente religioso, de raízes múltiplas, nativas (impropriamente chamadas de “indígenas”), africanas e ibéricas, o Povo das Três Raças. Cantados sete ou doze vezes, eles falavam do que se fazia, por exemplo, quando cada peça do vestuário fúnebre ia cobrindo o defunto, a defunta... Falavam das coisas importantes para a fé simples do povo: EU QUERO UM ROSÁRIO PÁ NEL’EU REZÁ, PÁ NOSSA SENHORA QUANDO EU LÁ CHEGÁ!... Falavam de seus sentimentos de culpa e do medo de morrer sem o perdão de Deus: Ó MEU PADE AGOSTINHO, NÃO DEIXE EU MORRÊ SEM A CUNFISSÃO... Falavam das coisas do céu e da terra, e muito especialmente, de sua comoção diante dos padecimentos de Jesus Cristo, em sua Paixão... Uma dessas incelenças me cativou particularmente a atenção:

UMA INCELENÇA DA ESTRELA AMAZONA,  
ALECRIM VERDADEIRO, ROSA MANGERONA,  
DE PASSO IN PASSO, DE RUA IN RUA  
MEU DEUS PADECENO SEM CUIPA NIÚMA!

E Zé Romão, o cantador de incelenças do Umary, de saudosa memória, teve que repeti-la um monte de vezes, até que eu me desse por satisfeito e saciado, em minha curiosidade gulosa, em meu enlevo poético e espiritual. Gravei-o em fita cassete e fiquei ruminando dias a fio, chegando à conclusão, certo dia, de que havia encontrado

enfim o jeito melhor de traduzir em verso e música aquela que para mim era a rainha de todas as antífonas do Ofício Divino: “Et valde mane... E ficou assim, seguida do Cântico de Zacarias:

**Bendito seja o Senhor Deus de Israel  
Bendito seja o Deus do povo eleito,  
Bendito seja Deus! Bendito seja Deus! Bendito seja Deus!**

Bendito seja o Deus de Israel,  
Pois ele visitou seu povo e o libertou,  
E fez pra nós surgir da raça de Davi  
Um forte e poderoso e grande salvador!  
Conforme ele mesmo anunciou  
Por seus santos amigos profetas tão antigos  
Que vai nos libertar de quem nos odia,  
Das mãos de todos que são nossos inimigos!

– Bendito seja!

Misericórdia fez a nossos pais,  
E teve, assim, lembrança da santa Aliança,  
Aquela promessa, jurada Abraão,  
De um dia conceder a nós esta esperança:  
De, enfim, libertos de malvadas mãos,  
A gente sem temor, viver no seu amor,  
Servindo na justiça, toda a nossa vida,  
E santos(as) na presença de nosso Senhor.  
– Bendito seja!

E tu, menino, do alto Deus profeta,  
À frente dele irás, caminhos abrirás;  
Do povo a salvação, das culpas o perdão,  
Por seu imenso amor, tu anunciarás!  
Nasceu pra nós o Sol do nosso Deus,  
Do céu veio um clarão pra que, na escuridão,  
Nas trevas quem dormia recebeu um Guia,  
E no caminh' da paz os nossos passos vão!  
– Bendito seja!

Do próprio Cântico de Zacarias, a letra me custou uns oito anos de cuidados, até que me convencesse de que chegara no ponto: tinha que ser uma letra para um ritmo caracteristicamente junino, haja vista os festejos populares em honra de São João, o filho de Isabel e Zacarias. Uma letra dançante, para o mais solene e gostoso dos ritmos juninos: um xote. Se não tivesse esse clima, esse jeito de cantar e de dançar, não seria digno do Santo mais querido do mês de junho, e de seu realizado pai.

Na manhã da Páscoa, o Cântico recebeu, então, uma antífona, para ser cantada como todas as antífonas, no início e no final do Cântico, envolvendo-o com a mística própria de uma manhã de Páscoa, enquanto o Cântico mesmo, continuou com seu refrão e suas estrofes originais, trazendo para aquela manhã, antecipadamente, toda a alegria de Zacarias e de todos os devotos de seu filho.

Acabo de dar, então, aqui, dois claros exemplos de um dos processos criativos que tenho percorrido ao longo desses 50 anos de tentativas, mais ou menos bem sucedidas de contribuir para que o canto da Igreja, no Nordeste do Brasil, tenha tanta qualidade estética, literária e musical, e tal densidade poético-espiritual que o aproxime o mais possível do que fora a experiência de cantar ao longo de séculos o Canto Gregoriano.

\*\*\*\*\*

Era muita pretensão. Mas, era só o que eu queria, quando, 50 anos atrás, em janeiro de 1969, o jovem monge Marcelo Barros me convidava para redigir as letras dos cantos da Vigília Pascal: letras que seriam entregues aos conhecidos e competentes músicos da região para que compusessem as respectivas melodias. Foi o que me dispus a fazer, naquele momento. E estes textos, com melodias do saudoso Pe. Sílvio Milanês, do Frei Tito Medeiros, O. Carm. e até do Pe. Jocy Rodrigues do Maranhão, integram hoje o Hinário Litúrgico da CNBB.

Mas o que tem tudo isso a ver com um projeto de Igreja, que pretende acontecer no meio do povo, na força do Espírito, de cara para as realidades da vida, sob a luz do Evangelho, como fermento de transformação pessoal e social?...

Primeiramente, vocês não imaginam a satisfação daquela gente do Umary, quando, um tempo depois de ter escutado suas “incelenças”, voltei com elas de cara nova, para serem cantadas no Ofício Divino das Comunidades, lá no Umary mesmo, com eles e elas, mas também, nas Comunidades em todo o Nordeste e em todo o Brasil... Ainda lembro de Margarida Braga rindo e observando: “esse pade se interessa, veja só, pelas piedade da gente!”...

Era um pequeno passo, com certeza, mas que iniciava um caminho de resgate de uma cultura relegada ao desaparecimento, à extinção, mas que tinha tudo para servir à celebração da Fé, com a força que vinha das raízes da cultura popular... Uma Fé que, na experiência das CEBs, se renovava, se aprofundava e se ampliava, ao reencontrar-se com sua dimensão libertadora, mas que, antes de tudo, fortalecia a identidade cultural e a dignidade daquela gente pobre, não reconhecida em seus valores tradicionais, sem importância para a Igreja e para a Sociedade, ao expressar-se com sua arte ingênua, seu canto, sua música de raiz.

Imaginem como fica fácil uma roda de conversa com essa gente, a partir do Cântico de Zacarias, cantado e dançado deste jeito que acabamos de apresentar, em torno de uma mensagem carregada de sonhos de libertação, cujos atores e atrizes, de repente, passam a ser eles próprios, elas próprias, hoje, aqui e agora, tanto quanto Zacarias e Isabel, “naquele tempo”...

E como não perceber a oportunidade de ajudar as mulheres a se perceberem como protagonistas na experiência de encontrar o Ressuscitado e anunciá-lo?... Observem

como na versão nordestina da antífona, o sujeito oculto do verbo vem explicitado: "vieram as mulheres com flores e aromas"... São as cuidadoras da vida que não se rendem nem à "morte matada" e, por isso mesmo, merecem ser as primeiras a testemunhar a vitória do amor, a Ressurreição!

Processo idêntico teve aquela "louvação" composta para a Noite de Páscoa, "a Rainha de todas as Vigílias":

A Cappella

E bom can - tar um ben - di - to, um  
can - to no - vo, um lou - vor: E...vor! Je -  
sus nas - ceu de Ma - ri - a, ho - je - e - le é nos - so Se -  
nhor! Je...nhor! Ho - je - e - le é nos - so Se -  
nhor por su - a Res - sur - rei - ção! Ho...  
ção! Da mor - te é ven - ce - dor, da Vi - da  
é cam - pe - ão! Da...ção!

**/:EU VOU CANTAR UM BENDITO, UM CANTO NOVO UM LOUVOR!/  
JESUS NASCEU DE MARIA, HOJE ELE É NOSSO SENHOR!  
HOJE ELE É NOSSO SENHOR POR SUA RESSURREIÇÃO,  
/:Da morte é vencedor, da vida é campeão!:/**

**- Cordeiro sacrificado, é nossa páscoa, irmãos!  
Ele é do céu e da terra a reconciliação!  
Dos tristes, consolador; dos pobres, libertação!  
As mãos se dão céu e terra, é uma só louvação!**

**/:Santo, Santo, Santo é o Senhor!/  
 Ó Deus do universo, Deus nosso salvador!  
 No céu, na terra brilha o esplendor  
 Da tua imensa glória, ó Deus, nosso Senhor!  
 Hosana, hosana, hosana, ó Salvador!  
 - Oh! Vem nos socorrer no teu imenso amor!  
 - Oh! Vem nos alegrar no teu imenso amor!**

E aconteceu assim: em 1977, não me lembro em que mês, fui, com meus vizinhos do Córrego dos 3 Morros, em romaria a Juazeiro do Pe. Cícero. Foi uma bela experiência de ir e vir, num clima, o tempo todo, de confraternização e celebração da fé. É uma experiência de ir à Terra Prometida, que desencadeia energias e torna as pessoas surpreendentemente solidárias, todo mundo se ajuda espontaneamente, e os cantos e orações expressam uma fé alegre, criando momentos de céu, na terra.

No “Caminho do Horto”, lá no alto do monte onde se encontra o enorme monumento ao Pe. Cícero, até as pedras do Horto, caminha-se uma boa distância, aqui e acolá, nos deparando com pedintes que cantam, com voz melodiosa e plangente, antigos e tradicionais “Benditos”:

**EU VOU CANTAR UM BENDITO, AGORA QUE ME ALEMBROU:  
 A MÃE DE PADINHO CIÇO ELA SE CHAMA QUINÔ  
 ELA SE CHAMA QUINÔ, MARIA DA CUNCEIÇÃO,  
 O FIO DELA SE CHAMA PADINHO CIÇO RUMÃO**

E cada verso se repetia, até que se chegava ao último, e começava tudo de novo, semelhantemente ao que ocorre com as “incelências”. E essa coisa ficou cozinhando em meu juízo, até que, num estalo, me dei conta de que havia encontrado um jeito de contar e cantar, que poderia muito bem preencher uma lacuna lamentável, podendo tornar a Oração Eucarística, melhor dizendo, a Bênção da Ceia do Senhor, alguma coisa mais viva, muito mais interessante, envolvendo toda a Assembleia com uma louvação naquele estilo, em vez de um “prefácio” monótono e solitário. E despontou de imediato como algo para acontecer nada menos que como “Louvação de Páscoa”, prefácio, abertura da Liturgia Eucarística, na própria Vigília Pascal.

Pensemos numa Comunidade que vivenciou a Quaresma, desde a Quarta-Feira de Cinzas, fazendo uma densa experiência de oração mediante o canto diário do Ofício Divino das Comunidades... levando a sério a proposta da Campanha da Fraternidade, em encontros semanais de reflexão e na Via Sacra... coroando cada semana com a celebração da Ceia do Senhor, sendo instigada pela força da mensagem bíblica de cada semana a fazer da comunhão no Corpo e no Sangue do Senhor um renovado compromisso, a dar passos concretos no seguimento do Servo Solidário... chegando à Semana Santa com todo o gosto de recordar e reviver o Mistério Pascal, sentindo-se plenamente envolvida pela Paixão de quem deu a vida pela causa da Vida, experimentado a alegria da Ressurreição nas mudanças mesmas ocorridas tanto na vida pessoal, quanto nos ambientes onde vive e atua... após a celebração vibrante das maravilhas de Deus na caminhada do Povo de Deus, ontem e hoje, na longa e rica Liturgia da Palavra da Vigília Pascal, chegando ao momento culminante da Oração Eucarística, deixando explodir toda essa alegria pascal mediante um canto como este Bendito...

Voltando da romaria, fui encontrar-me com o Pe. Geraldo Leite Bastos, meu parceiro da primeira hora, alguém de uma sensibilidade incomum, identificado de corpo e alma com a população da Ponte dos Carvalhos, no município do Cabo de Santo Agostinho/PE, tanto a gente pescadeira ou marisqueira da beira-mar e dos manguezais, quanto os cortadores de cana das usinas, quanto, sobretudo, a gente desenraizada, provinda do interior, em busca de trabalho nas novas indústrias, num processo de acelerada urbanização, muita pobreza material e toda uma rica salada cultural. Com uma simpatia todo especial pela gente afrodescendente, e pelo Povo de

Santo. Pe.Geraldo dizia: “enquanto tem negro que gosta de dizer que é ‘preto de alma branca’, eu me sinto branco de alma negra”.

A partir da feliz experiência dessa Louvação de Páscoa, e surfando na mesma onda da música de raiz, embora criando novas melodias, o Pe. Geraldo e eu criamos uma série de “louvações” que contemplavam todos os Tempos e Festas do Ano Litúrgico. Vejam que coisa linda, sublime, a Louvação da Ascensão, criação do Pe. Geraldo:

A Cappella

f. bom can - tar um ben - di - to, um can - to no vo, um lou - vor! É... ..vor! Ao Deus Pai que nes - ta ho - ra as cha - ves da gló - ria ao Fi - lho en - tre - gou. Ao... - gou. É...

***:/Eu vou cantar um bendito, um canto novo, um louvor!:/***

1. /:Ao Pai que, em bendita Hora, as chaves da Porta ao Filho entregou!:/
2. Jesus subiu para o Céus, ao lado de Deus, na glória sentou!
3. Os Anjos se admirando aplaudem cantando: “O Homem chegou!”
4. Mostrando ao Pai suas Chagas, o preço da Graça por nós pagou!
5. E os Céus se juntam co’a gente e o Povo contente canta co’amor!

Mais adiante, pegando inspiração nos “Martelos” das Cantorias e Cordéis, criei uma série de “Prefácios”, que, apesar de não terem a mesma dinâmica participativa das louvações, eram cantos “presidenciais” de apelo popular, tornando a narrativa laudatória dos prefácios tradicionais algo mais interessante para a nossa gente escutar e responder com um Santo adequado e vibrante. A melodia do martelo eu a escutei e aprendi na casa de um velho cantador que morava na Rua da Mocidade, no Morro da Conceição. E saiu assim o primeiro Prefácio da Quaresma:

É pra-zer pa-ra nós a Deus lou-var Ben-dí-zer-te ó Pai é sal-va-  
 Nes-te tem-po de gra-ça e sal-va-ção Do, e-go-fa-mos a gen-te se-li-  
 ção Deus e-ter-no em po-der, a-mor e a-ção Por Je-sus Se-nhor Nos-so ce-le-  
 ber-ta-e pras coi-sas que du-ram mais a-ler-ta O ca-mi-nho da cruz nós re-to-  
 Com pra-zer tu-a Pás-coa pre-pa-rar U-ma gra-ça que sem-pre nos con-  
 E por is-so em co-ro nos jun-tamos Aos ce-les-tes can-to-res pra-en-to

### Prefácio da Quaresma I

É prazer para nós a Deus louvar,  
 Bendizer-te, ó Pai, é salvação,  
 Deus eterno em poder, amor e ação,  
 Por Jesus, Senhor Nosso, celebrar...  
 Com prazer tua Páscoa preparar  
 É uma graça que sempre nos concedes:  
 No jejum, na partilha e nas preces,  
 Nós, teus filhos, nascamos novamente,  
 Corações renovados plenamente,  
 Tua vida em nós se manifeste!

Neste tempo de graça e salvação,  
 Do egoísmo a gente se liberta,  
 E pras coisas que duram mais alerta,  
 O caminho da Cruz nós retomamos...  
 E por isso em coro nos juntamos  
 Aos celestes cantores pra entoar,  
 O louvor de quem sabe celebrar  
 A passagem do Deus libertador.  
 Em Jesus, que por nós se entregou,  
 U'a só voz Céus e Terra vão cantar: SANTO...

## 2 DESPONTANDO COMO “COMPOSITOR”: NÃO MAIS QUE UM SIMPLES ARTESÃO!

No final daquele mesmo ano de 1969, a pedida era, de imediato, criar um repertório para as celebrações do **Tempo do Advento**. Em princípio, eu iria continuar a tarefa de produzir textos, letras, para os grandes compositores da região. Minha primeira tarefa: pesquisar no antigo LIBER USUALIS os cantos próprios do tempo... Escolher, entre eles, os que me pareciam, pela experiência de havê-los cantados há pelo menos 15 anos, os mais marcantes e característicos, para comporem uma “Missa do

Advento”. Eu traduzia em sextilhas de cordel o Salmo 80 (79), que era cantado como introito, ou canto de abertura, no 2º Domingo do Advento. Antes de tudo, fazer a versão da antífona, inspirada em Isaías 30,19.30, que acompanhava o salmo, e que seria cantada como refrão... De repente, não mais que de repente, comecei a cantarolar o texto que acabava de escrever...

(E<sup>b</sup>) (D<sup>7</sup>) Gm Dm Gm B<sup>b</sup> E<sup>b</sup> Dm Gm Cm  
 REF: Eis que de lon - ge vem o Se - nhor, pa - ra as na - ções do mun - do jul - gar e os co - ra -  
 ções a - le - gres es - ta - rão, co - mo numa noi - te em fes - ta a can - tar. 1. Do E - gi - to u - ma  
 ví - nha ar - ran - cas - te com a - mor; com cul - da - do a re - plan - tas - te.  
 fun - das ra - í - zes lan - çou e por so - bre a ter - ra to - da su - a som - bra se es - pa - ihou. D.C.

***Eis que de longe vem o Senhor  
 Para as nações do mundo julgar  
 E os corações alegres 'starão  
 Como numa noite em festa acantar!***

E o Salmo 80 fluiu como uma sentida lamentação, um ingente clamor:

1. Bom Pastor, ouve, escuta,  
 Qual rebanho tu nos guias...  
 Sobre os anjos tu te assentas,  
 Vem, teu povo alumia;  
 Teu poder desperta e vem,  
 Vem, nos vale e auxilia!

És o Deus poder-amor!  
 Tua face faz brilhar  
 Para que sejamos salvos!  
 Poderoso Amor, que há?...  
 Até quando, indignado,  
 Não nos queres escutar?...

2. Pão de dor deste a teu povo,  
 Muita lágrima a beber...  
 Pros vizinhos, inimigos,  
 Que vexame a gente ser  
 Só motivo de vergonha,  
 Gozação pra quem nos vê!...

Do Egito uma videira  
Arrancaste com vigor  
Com cuidado a replantaste  
E no chão se enraizou  
Sua ramagem se estendeu  
Sua sombra se espalhou...

3. Mas, então, o que fizeste,  
Sua cerca a derrubar?  
Todo mundo agora passa  
A roubar e saquear  
E os bichos a devastam,  
Mato brabo a empestar?...

És o Deus poder-amor!  
Lá do céu, volta o olhar  
Vem, visita a tua vinha,  
Vigorosa, vem velar  
Foi tua mão que a plantou,  
Desta cepa vem cuidar!

4. E aqueles que a queimaram  
Tua vinha a maltratar,  
Logo mais desapareçam  
Ao luzir do teu olhar!  
E o Filho teu querido  
Com tua mão vem apoiar!

Que jamais nos separemos  
De quem vida vai nos dar!  
E teu nome invocaremos,  
Tua face a iluminar  
És o Deus Poder-Amor!  
És o Amor a nos salvar!

Era um nordestino, que cantara, durante 15 anos, todo o *Liber Usualis*, o mais fino Canto Gregoriano, e agora, com desmedida presunção, passava a interpretar, melódica e ritmicamente, a versão cabocla dos textos bíblicos, sugeridos por uma tradição multissecular... Textos que haviam sido cantados “naquele tempo”, um tempo de angustiada expectativa messiânica... Por providencial coincidência, para serem cantados naqueles dias, quando o país vivia dias de cativeiro, qual estavam sendo os longos anos do regime ditatorial, que nós amargávamos, não só no Brasil, como em toda a América Latina, naqueles idos anos 60/70...

Mas o Tempo do Advento, meu xodó litúrgico, ainda esperava por alguma coisa que não poderia faltar no canto do Ofício Divino das Comunidades: as Antífonas ditas do “Ó”, ou, simplesmente, “Antífonas Ó”... Sua origem remonta à Antiguidade Cristã, lá

pelos séculos VI-VII, sendo 7, em Roma, e em outras regiões chegaram a ser 9 e até 12. Aqui entre nós, convinha que fossem 9, por conta da já consagrada prática da “Novena de Natal”. De modo que, ao assumir a tarefa de fazer uma versão em letra e música para o repertório do nosso Ofício popular, não custava nada acrescentá-las e antecipá-las de mais duas. Daí, em nosso ODC, as antífonas “Ó Mistério”, e “Ó Libertação”, respectivamente, para os dias 15 e 16 de dezembro. Elas precedem e encerram o Cântico de Maria, no Ofício das 9 tardes ou noites que precedem a Véspera de Natal:



**Ó Mistério:**

Escondido há séculos nos céus,  
 Aos fiéis foste um dia revelado,  
 E dos cegos os olhos recobrados,  
 Já se firmam do coxo os passos seus,  
 Faz o pobre escutar a voz de Deus,  
 Vem, levanta do chão os humilhados, ó, ó...

***Vem, ó Filho de Maria,  
 O amanhã já se anuncia!  
 /:Quanta sede, quanta espera, quando chega,  
 Quando chega aquele dia?:/***

Perceberam que à Antífona, na sua estrutura original, se acrescentou uma espécie de aclamação ou clamor ao “Filho de Maria”?... Creio que isso deu um caráter bem mais participativo ao canto da Antífona, que, de início, é cantada apenas por um ou uma solista, mas recebe uma resposta vibrante da Assembleia.

A estrutura literária da Antífona, evidentemente, tem muito do nosso tradicional Cordel. A estrutura musical deve ser algo como um canto de Aboio, seguido de gostoso xote. Tudo a ver. Tanto a mensagem da Antífona, quanto, sobretudo, a do próprio Cântico, não carecem de maiores explicações, a não ser que a gente não entenda mais quem são os pobres. Teologia da Libertação também se faz cantando, basta o Evangelho, o que Maria, a mais insuspeita das mocinhas do interior, um dia, cantou.

Mas eu gostaria de contar-lhes um ocorrido na UNICAP. Não lembro mais em que ano. Era a primeira semana do Advento. Quem celebrava na capela da Universidade era um renomado professor de Liturgia. Ele comentava as Antífonas, começando por sua remotíssima história. No final, resolveu cantar uma delas, à guisa de exemplo. E cantou justamente esta primeira que acabamos de cantar... Nem, se dava conta de que a mesma era de criação recentíssima, da autoria de um modesto artesão, que, por sinal, o escutava, e ela não constava entre as 7 tradicionais do Rito Romano, por ele eruditamente comentadas. Desculpem a vaidade, mas, a mim que o escutava, de certo modo surpreso, parecia que eu havia conseguido o máximo...

E assim, interpretar, intuitivamente, em verso e música, um canto bíblico-litúrgico tradicional, contando, primeiro, pro que diz respeito à letra, nem tanto com a minha formação literária clássica, quanto muito mais com a leitura apaixonada dos folhetos de cordel, comprados na feira de Quebrangulo/AL, quando criança... Contando, em seguida, pro que diz respeito à música, com tudo o que estava sedimentado em meu coração, de haver escutado toda a riqueza da música folclórica da minha região, que ia das sentinelas dos defuntos, aos aboios das vaquejadas, das cantorias de cegos na cabeça da ponte em dia de feira e aos pregões dos vendedores de pirulito, aos pastoris e marujadas dos festejos de final e começo de ano, dos benditos das novenas aos cantos de procissão, das bandas de zabumba e pífanos, tocando para tirar dinheiro práς festas dos santos, a toda a riqueza do repertório de Luiz Gonzaga, de Marinês, de Jackson no Pandeiro, entre outros... coisas que eu cantei e toquei à beça, com minha gaita de boca, meu “realejo”, toda a minha infância e juventude...

Mas o tempo do Advento coincidia com os primeiros “gritos de Carnaval”... E o repertório do Advento precisava de alguma coisa que sintonizasse com esse clima musical, que era também de final de ano, na expectativa agitada dos festejos de

Momo... Precisava que se compusesse algo que fosse como um “Grito do Advento”, com idêntica “frevança”... Foi o que aconteceu, espontaneamente, sem precisar de nenhuma intenção prévia, nenhuma busca intencional, quando traduzi mais uma das peças clássicas do repertório tradicional do Advento, o Salmo 85, precedido da tradicional antífona, aqui a modo de refrão, baseada em Isaías 45,8, o que resultou num animado frevo de bloco:

Refr. Das al-tu-ras or-va-lhem os céus E as nu-vens, que cho-vam jus-ti-ça,  
 Que a ter-ra se a-bra ao a-mor E ger-mi-ne o Deus Sal-va-dor.  
 Das al- dor. 1. Fos-te a-mi-go an-ti-ga-men-te Des-ta ter- ra  
 que a-mas-te, Des-te po-vo que es-co-lhes-te; Su-a sor-te me-lho-  
 ras-te, Per-do-as-te seus pe-ca-dos, Tu-a rai-va a-cal-mas-te.  
 Das al- D.C.d.S.

### **Salmo 85 (84)**

***Das alturas orvalhem os céus  
 E as nuvens que chovam justiça,  
 Que a terra se abra ao amor  
 E germine o Deus salvador!***

1. Foste Amigo antigamente  
 Desta terra que amaste,  
 Deste povo que escolheste,  
 Sua sorte melhoraste...  
 Perdoaste seus pecados,  
 Tua raiva acalmaste!

2. Vem de novo restaurar-nos!  
 Sempre irado estarás,  
 Indignado contra nós,  
 E a vida não darás?...  
 Salvação e alegria,  
 Outra vez não nos trarás?...

3. Escutemos suas palavras:  
 É de paz que vai falar,  
 Paz ao povo, a seus fiéis,  
 A quem Dele se achegar...

Está perto a salvação  
E a vida vai voltar!

4. Eis Amor, Fidelidade,  
Vão unidos se encontrar,  
Bem assim, Justiça e Paz  
Vão beijar-se a se abraçar,  
Vai brotar Fidelidade  
E Justiça se mostrar!

5. E virão os benefícios  
Do Amor a abençoar  
E os frutos do Amor  
Desta terra vão brotar.  
A Justiça diante dele  
E a Paz o seguirá!

Esse foi o outro dos meus processos criativos: interpretar musicalmente um texto, por mera intuição, deixando bem claro pra todo mundo, que não sou músico, não tive formação musical, a não ser a de “cantar e cantar e cantar”, como cantou o Gonzaguinha. Não sou capaz de ler uma partitura, sou apenas um artesão que pode ter dado certo.

Esses dois processos criativos, creio que sejam os que basicamente deram o rumo à pretenciosa tarefa que assumi comigo mesmo, 50 anos atrás, de contribuir para que o Canto Litúrgico da Igreja em meu país, e muito especialmente em minha região, se aproximasse o mais possível do que havia sido a experiência estética e espiritual de cantar o Canto Gregoriano.

Mas é claro que, além da cultura musical brasileira e nordestina, no seio da qual nasci e me criei, o próprio Canto Gregoriano não deixou de ter sua influência e deixar sua marca. Aliás, para cúmulo de coincidência e sorte, os entendidos em música falam de uma característica comum ao Canto Gregoriano e à etno-música, à música de raiz nordestina, o MODALISMO. Os que entendem destas coisas poderiam explicar isso. Eu sei que, ao longo da minha trajetória, tanto pude contar com a colaboração de um mestre abalizado em música brasileira e regional, como o Maestro Duda, que, desde 1979, 40 anos atrás, fez os arranjos da maior parte de minhas gravações... Como com a colaboração de dois franciscanos amigos e irmãos, Frei Joel Postma, que este ano está comemorando 90 anos, e Frei Joaquim Fonseca, ambos, durante muitos anos Coordenadores da Equipe de Reflexão sobre Música Litúrgica, do Setor de Liturgia da CNBB. Frei Joel, desde muito cedo se interessou pelas minhas composições e fez até

arranjos polifônicos, que foram publicados, recentemente, em suas obras completas, um verdadeiro monumento a ele dedicado pela Ordem Franciscana. Frei Joaquim, entre outras, me convidou para colaborar na sua obra de doutorado sobre Música Ritual de Exéquias, a partir de uma pesquisa feita sobre as “Excelências”, no sertão mineiro, na região de Araçuaí, confiando-me a gostosa tarefa de dar uma feição mais acuradamente bíblica e litúrgica aos textos de tradição oral popular daquelas excelências. Estou lembrando estes dois porque são bem entendidos em Música, em Canto Gregoriano e em Modalismo.

À guisa de exemplo, algumas destas composições, marcadamente modais, creio eu, podem ser cantadas como se fossem canto gregoriano: a primeira, é de 1971, quando, após a “Missa do Advento”, a “Missa de Natal” e a “Missa da Epifania”, compostas entre o final de 1969 e o final de 1970, foi a vez da “Missa da Quaresma”. O processo foi o segundo acima referido, iniciando pela pesquisa no *Liber Usualis*, buscando no repertório gregoriano o que havia de mais característico entre os cantos indicados para o Tempo Quaresmal... E saiu assim o Canto de Comunhão, cujo refrão, inspirado na 2ª. Carta aos Coríntios, proclamada na 4ª. Feira de Cinzas, tanto pode ser cantado como baião quanto como gregoriano:

Baião

Refrão: Re - con - ci - li - ai - vos com Deus! Em no - me de Cris - to ro -  
ga - mos, que não re - ce - bais em vão su - a gra - ça, seu per - dão;  
eis o tem - po fa - vo - rá - vel, o di - a da  
sal - va - ção! 1 - Quem tem se - de, ve - nha à fon - te, quem tem  
...vin - de, e se me ou - vir - des, vi - da  
fo - me, ve - nha à me - sa, vi - nho, tri - go, lei - te, e - mel,  
no - va vi - ve - reis, a - li - an - ça nós fa - re - mos,  
co - me - reis man - jar do céu! Vin - de, ...pri - rei!  
minhas pro - mes - sas cum...

**Reconciliai-vos com Deus,  
Em nome de Cristo, rogamos,**

**Que não recebais em vão  
Sua graça, seu perdão:  
Eis o tempo favorável,  
O dia da salvação!**  
(II Co 5,20.6,1-2)

As estrofes, então, que já são um recitativo, a modo de aboio, ou de quem sabe o quê, facilmente poderão ser cantados, também, como canto gregoriano:

**Isaías 55**

1. Quem tem sede, venha à fonte,  
Quem tem fome venha à mesa,  
Vinho, trigo, leite e mel  
Comereis, manjar do céu!

Vinde, vinde e se me ouvirdes,  
Vida nova vivereis,  
Aliança nós faremos,  
Minhas promessas cumprirei!

2. Um sinal de vós farei  
Das nações sereis o guia,  
Chamareis os que 'stão longe  
E virão todos, um dia!

Ao Eterno Amor buscai  
Pois se deixa encontrar,  
Ao Amor vinde, invocai,  
Pois tão perto ele está!

3. O mau deixe sua maldade,  
Pecador deixe seus planos,  
Ao Amor volte e verá  
O perdão de seus enganos!

Meu pensar não é o vosso  
Vosso agir não é o meu,  
Tão distantes um do outro,  
Quanto a terra está do céu!

4. Como a chuva cai do céu  
E não volta sem molhar  
Sem encher de vida o chão  
Sem nos dar o trigo e o pão,

Assim faz minha palavra,  
Nunca volta a mim em vão  
Sem fazer minha vontade,  
Sem cumprir sua missão!

5. Partireis com alegria  
E em paz caminhareis

Pelos montes, pelos bosques,  
Aclamados passareis!

Os espinhos do facheiro,  
Galhos de paud'arco em flor,  
O sertão, verde canteiro,  
Glória eterna ao Deus-Amor!

O mesmo se poderia dizer do Cântico das Bem-Aventuranças. Mas, antes de apresentá-lo, faço algumas observações prévias. Primeiro sobre a letra, que para mim é sempre o elemento mais importante da composição litúrgica, o ponto de partida de tudo mais. Quem tem um pouco mais de conhecimento bíblico sabe que o termo usado por Jesus e traduzido em português por “bem-aventurados” ou, mais recentemente, por “felizes”, era a palavra usada, naquele tempo e lugar, naquela cultura, para felicitar alguém, congratulando-se com essa pessoa por alguma razão. Imaginei, logo ao sabê-lo, que a melhor maneira de traduzi-lo entre nós seria dizer, simplesmente, “parabéns!”, “meus parabéns!”.

Gostaria ainda de dizer que, nesse processo de fazer a letra, preocupo-me muito em, não só, antes de tudo, ser fiel ao texto bíblico, lido nas melhores versões e comentários de que disponho, mas, também, sempre que possível, em ir ao encontro das idiosincrasias da cultura popular, isto é, dizer as coisas com os jeitos característicos que o povo tem de fazê-lo, na certeza de que, assim fazendo, mais facilmente aquela letra sintonizará com a alma popular, com seu ser profundo, e o expressará.

Em seguida, quanto à música, melodia e ritmo, especialmente, preocupa-me encontrar alguma coisa que expresse melhor o que a letra vai dizendo, criando um clima musical capaz de fazer os corações vibrarem profundamente com o que se canta. E o canto das Bem-Aventuranças, com certeza, é um canto de alegria, de profunda alegria, mas, certamente, de uma alegria sofrida, ou, pelo menos, de uma alegria que brota de uma experiência de dor, e por ela é marcada, como aliás, são as alegrias pascais, em torno de um Cristo Ressuscitado, que traz consigo as marcas da crucifixão. Nada a ver com uma festividade banal, com o oba-oba de certa música pop religiosa, feita mais, ao que parece, para iludir e alienar, que para criar comunhão com o Mistério e comprometer com o Reino, que tem que acontecer “assim na terra como no céu”.

Refrao: Meus pa - ra - bns em no - me de Cris - to, em no - me de Cris - to, meus pa - ra -

1. Am 2. Am FIM lento Am E  
bns! Meus pa - ra - bns! 1. Pa - ra - bns aos que sen - tem que são

Am Em Bm Em  
po - bres, pois o rei - no de Deus é sua por - ção! Pa - ra -

Am Em Am a tempo Em Am  
bns aos que cho - ram de a - mar - gu - ra, con - so - la - dos por Deus e - les se - rão!

***Meus parabns, em nome de Cristo,  
em nome de Cristo, meus parabns!  
Meus parabns, em nome de Cristo,  
em nome de Cristo, meus parabns!***

1. Parabns aos que sentem que são pobres,  
Pois o Reino de Deus é sua porção!  
– Parabns aos(às) que choram solidários(as),  
Consolados(as) por Deus eles(elas) serão!
2. Parabns aos(às) que são mansos(as) e humildes,  
Pois a Terra Prometida herdarão!  
– Parabns aos(às) famintos(as) de justiça,  
Saciados(as) por Deus eles(elas) serão
3. Parabns aos(às) misericordiosos(as)  
Pois em Deus compaixão encontrarão!  
– Parabns, corações que batem puros,  
Pois, um dia, a seu Deus contemplarão!
4. Parabns aos(às) que lutam pela paz,  
Porque filhos(as) de Deus se chamarão!  
– Parabns aos(às) que agora perseguidos(as),  
Têm o Reino de Deus como porção!
5. Parabns, perseguidos(as) e insultados(as),  
Por minha causa calúnias ouvirão!  
– Parabns, de alegria saltem e dancem,  
Grande prêmio em Deus encontrarão!

### **3 ATREVENDO-ME A FAZER VERSÕES DE MÚSICAS ESTRANGEIRAS, ATÉ DO GREGORIANO...**

Gostaria de aludir a um terceiro processo criativo, menos importante que os outros dois acima, mas de certa importância, o de verter para o português músicas litúrgicas estrangeiras, e até mesmo gregorianas...

Conheci e cantei, durante o tempo em que estive na Europa, um canto pascal medieval que se canta em todas as línguas europeias. Trata-se da versão italiana intitulada CRISTO RISSUSCITI. Mas a versão brasileira, melhor dizendo, nordestina, de minha autoria, é um texto totalmente original para a mesma melodia. Só sei que mereceu tanta atenção da liturgista mor do Brasil, a beneditina, Ione Buyst, que, em torno desta versão cabocla, girou sua tese de doutorado. A melodia é rigorosamente a mesma. O texto conserva o caráter pascal original. Mas a inspiração da letra veio do contexto telúrico em que, maravilhosamente, a Festa da Páscoa se celebra nesta parte do Nordeste. Vale lembrar a paisagem que Humberto Teixeira genialmente descreve na primeira estrofe de Assum Preto, uma das músicas imortalizadas pela voz de Luiz Gonzaga: “Tudo em volta é só beleza, sol de abril e a mata em flor”. E ficou assim:

Cris - to res - sus - ci - tou, o ser - tão se a - briu em flor, da pe - dra á - gua sa -  
iu, e - ra noi - te e o sol sur - gu, gló - ria ao Se - nhor!  
1. Vo - cês que tris - tes - tão que ge - mem sob a  
dor, na dor de sua pai - xão, Deus se ir - ma - nou.

***Cristo ressuscitou,  
O sertão se abriu em flor,  
Da pedra água saiu,  
Era noite e o sol surgiu,  
Glória ao Senhor!***

1. Vocês que tristes 'stão,  
Que gemem sob a dor,  
Na dor de sua Paixão  
Deus se irmanou!

2. Vocês que pobres são,  
Que temem o opressor,  
Por sua Ressurreição  
Deus nos livrou!

3. Vocês que um Corpo são  
Unidos pelo Amor  
Oferta, em Cristo, irmãos,  
São ao Senhor!

Mas algo que me deu mais prazer foram as versões do Gregoriano, para serem cantadas exatamente como está escrito na partitura do *Liber Usualis*, pelo menos a intenção foi essa:

Alguns de vocês, possivelmente, já cantaram na Quaresma: “PARCE, DOMINE, PARCE POPULO TUO!/ NE IN AETERNUM IRASCARIS NOBIS!”

E a gente canta assim no Morro da Conceição, no Córrego do Zé Grande e no Alto José Bonifácio:



Como canta, na tarde e na Oitava de Pascoa, a famosa Sequência Pascal, “Victimae Paschali Laudes”. E o genial poema latino passou a fluir em português, mas, rigorosamente, na não menos genial melodia gregoriana original. Senão vejamos, primeiro no texto original latino:

Victimae paschali laudes  
immolent christiani.

Agnus redemit oves,  
Christus innocens Patri  
reconciliavit peccatores.

Mors et vitaduello  
confluxere mirando:  
Dux vitae mortuus

regnat vivus.

Dic nobis, Maria,  
quid vidisti in via?  
Sepulcrum Christi viventis  
et gloriam vidi resurgentis;  
angelicos testes,  
sudarium et vestes.  
Surrexit Christus, spes mea,  
precedit suos in Galileam.

Scimus Christum surrexisse  
a mortuis vere!  
Tu, nobis, victor Rex,  
miserere!  
Amen! Alleluia!

A versão brasileira cuidou apenas de facilitar um pouco mais a participação da Assembleia, tornando o verso inicial refrão a ser retomado entre as várias partes do canto e foi gravada assim, no CD “ALELUIA, PORQUE HOJE É PÁSCOA!” (faixa 8):

The image shows a musical score for a hymn. It consists of ten staves of music with lyrics in Portuguese. The lyrics are: "Ó cris - tãos, vin - de\_o - fer - tai os lou - vo - res pas - cais! Já re - miu as o - ve - lhas o\_i - no - cen - te por e - las re - con - ci - li - an - do céus e ter - ras. Vi - da\_e mor - te\_ó du - é - lo, ó com - ba - te mais be - lo: Da vi - da\_o Rei mor - teu, mas venceu! Que vis - te, ó Ma - ri - a quan - do\_ao Hor - to\_en - tão cor - ri - as! "A tum - ba vi vo Vi - ven - te, do Cris - to a gló - ria res - plen - den - tel! Os an - jos eu ou - vi e\_os pa - nos no chão eu vi! Mí - nha\_es - pe - ran - ça cla - re - ia, Je - sus vai nos ver na Ga - li - lê - ia!" Cris - to\_ eu sei, res - sus - ci - tou, eis to - da ver - da - de. É tu, da Vi - da\_ó Rei, pi - e - da - del! A - mém! A - le - lu - ia!"

**Ó CRISTÃOS, VINDE, OFERTAI  
OS LOUVORES PASCAIS! (bis)**

*H:* Já remiu as ovelhas  
O inocente, por elas,

Reconciliando céus e terras.  
*M:* Vida e morte, ó duelo,  
Ó combate mais belo:  
Da vida o Rei morreu, mas venceu!

**Ó CRISTÃOS...**

*H:* Que viste, ó Maria,  
Quando ao Horto, então, subias?..  
*M:* A tumba vi do Vivente,  
Do Cristo, a glória resplendente!  
Os anjos eu ouvi  
E os panos no chão eu vi!  
Minha esperança clareia,  
Jesus vai nos ver na Galileia!

**Ó CRISTÃOS...**

*H:* Cristo, eu sei, ressuscitou,  
Eis toda a verdade!  
*H+M:* E TU, DA VIDA Ó REI, PIEDADE!  
**AMÉM! ALELUIA!**

E cantando essa sequência como canto de repouso e contemplação, seja após a homilia, seja após a comunhão, é possível “reler” a experiência individual e comunitária de lidar com vicissitudes, acontecimentos, vivências, onde a força da vida, muitas vezes surpreendentemente, brota vitoriosa, quando tudo parecia perdido... quando, em meio às fragilidades e limitações de toda ordem, acontece a superação, a vitória do amor sobre o egoísmo, da irmandade sobre o individualismo, da justiça e do direito sobre a exploração, a discriminação, a exclusão... e a gente parece tocar com as mãos o Ressuscitado.

**ENFIM E EM SUMA...**

Ao cabo de 50 anos de cuidar dessa coisa gostosa que é um Canto litúrgico afinado com a Tradição da Igreja, mas igualmente com a vida e a cultura do povo, sinto que valeu a pena contribuir para que as Comunidades Cristãs possam a cada Tempo Litúrgico, a cada Festa, celebrar sua vida e suas lutas, permeadas e energizadas pela fé, com uma experiência musical:

- ajudando a criar o clima específico de cada Tempo e de cada Festa;

- consolidando um repertório que garante este efeito estético e espiritual, justamente porque repetido, superando o modismo passageiro e superficial, fruto do consumismo;

- retomando e relançando, a cada Tempo e a cada Festa, o fio da meada, na força sugestiva e inspiradora dos mesmos cantos: recordando, os passos dados no passado por um povo que vem de longe; celebrando, os passos dados no presente, no mesmo rumo dos discípulos e seguidores de sempre; assumindo os compromissos da missão feita de sonho e de luta, para que o Reino venha e o projeto de Deus se realize “na terra como no céu”.